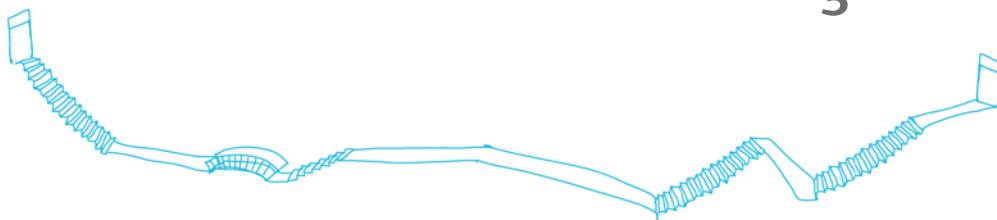




interação

envolvidas com a curadoria da bienal de arquitetura, ligia nobre e ursula troncoso contam como a ação **uniu moradores e um centro cultural** no extremo leste da cidade



“Qual o papel de uma bienal de arquitetura dentro de um centro cultural na extrema periferia de São Paulo?” A pergunta foi feita por Guilherme César, diretor do Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes (CFCCT), que foi inaugurado no final de 2012 e se destaca na paisagem por sua dimensão, qualidade arquitetônica e significado simbólico em um território marcado por autoconstruções e extensivos conjuntos habitacionais.

O CFCCT foi um dos endereços da última Bienal de Arquitetura de São Paulo, que refletiu sobre os modos de fazer e usar a cidade. Lá, entre setembro e outubro de 2013, deu-se um intenso processo de reflexão que uniu a comunidade local e dois coletivos de arquitetos: o Núcleo de Arquitetura e Cultura Construtiva (Nacco), de São Paulo, e o Al Borde, do Equador. A ideia era entender quais eram as dificuldades fundamentais para desenvolver uma ação com resultados a curto, médio e longo prazo.

Os integrantes do Nacco contam que, nas conversas com os moradores, ficou claro que a demanda estava principalmente relacionada à melhoria da infraestrutura urbana. No entanto, durante o processo, outro desejo surgiu: havia o interesse de que o CFCCT se tornasse um espaço mais permeável, tanto do ponto de vista físico quanto na relação com a comunidade.

Depois de 40 dias e muitos obstáculos, foram produzidos dois eventos: um mutirão construtivo com a comunidade para a criação de um acesso sobre o córrego que separava o centro cultural da vizinha Cachoeira das Garças e um evento com música e grafite para comunicar o que estava acontecendo lá durante a bienal. Hoje, seis meses depois, é possível ponderar quais foram os pontos fortes e fracos que marcaram esse processo.

“A aproximação da comunidade com o CFCCT talvez tenha sido o maior legado da experiência, contribuindo para que os moradores passem a ler o equipamento público como público de fato”, nos contam os arquitetos do Nacco. Já a principal crítica se refere ao curto espaço de tempo e às dificuldades de continuidade por parte dos atores envolvidos.

Por outro lado, Guilherme, o diretor do CFCCT, observa: “Precisou chegar o pessoal e dizer que era arquiteto, trabalhando com a bienal, para que a subprefeitura limpasse a rua entre o centro cultural e a comunidade. Hoje, ela foi reconhecida como rua de fato, e o pessoal colocou até uma placa: rua Nova da Cultura”.

De volta à pergunta lá do início do texto – qual o papel de uma bienal na periferia? –, ele arrisca uma resposta: “Acredito que seja a troca de repertório, entre os técnicos, produtores culturais e a comunidade. Nós queremos fugir da guetificação e promover formação crítica”.

Antes, durante e depois
No alto, foto mostra o Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes separado por um córrego da comunidade vizinha de Cachoeira das Garças. Em 40 dias, um acesso com uma ponte foi construído em sistema de mutirão, facilitando o trajeto.